

## FUNDAMENTOS DO COMPORTAMENTO ÉTICO

## FOUNDATIONS OF ETHICAL BEHAVIOR

Salustiano Alvarez Gómez\*

### Resumo

O ser humano e seu comportamento são sempre tema de reflexão em todas as ciências humanas. Nossa abordagem parte da dimensão ética cristã, da percepção e constatação de que o ser humano é um ser especial por ser imagem e semelhança de um Deus que a revelação bíblica experimenta como um Deus de Criação, de libertação e de justiça. Por participar desta criação, o ser humano toma consciência de ser um sujeito de inter-relações, interdependências e recriações constantes. Por tratar-se de um ser inacabado e a procura da grande utopia da comunhão universal, parte de uma realidade já existente antes de cada ser humano nascer, exige sua participação criativa e leva a construir novas realidades marcadas pelo ideal de criar mais vida. A crítica cristã da realidade conduz a buscar mais vida, o que supõe o compromisso da transformação social. Nesta transformação, que abrange tanto a realidade social e comunitária como a própria realidade natural, ecológica, e histórica, cada ser humano é responsável de aportar aquilo que estiver ao seu alcance. Desde uma visão cristã, a realidade está sempre a caminho até alcançar o ideal de um novo céu que se instaura a partir de uma nova terra.

**Palavras-chave:** Ética. Antropologia Cristã. Filosofia. Alteridade.

### Resumen

El ser humano y su comportamiento son siempre temas de reflexión en todas las ciencias humanas. Nuestro abordaje parte de la dimensión ética cristiana, de la percepción y constatación de que el ser humano es un ser especial por ser imagen y semejanza de un Dios que la revelación bíblica experimenta como un Dios de Creación, de liberación y de justicia. Por participar de esta creación, el ser humano

---

\* Doutor em Filosofia pela Universidade Complutense de Madrid. Professor Adjunto da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil. Pesquisador em temas éticos e religioso, antropológicos e filosóficos Email: salustiano.ag@terra.com.br

toma consciencia de ser un sujeto de interrelaciones, interdependencias y recreaciones constantes. Por tratarse de un ser inacabado y buscando la gran utopía de la comunión universal, parte de una realidad ya existente antes de cada ser humano nacer, exige su participación creativa y conduce a construir nuevas realidades marcadas por el ideal de crear más vida, lo que supone el compromiso de transformación social. En esta transformación, que abarca tanto la realidad social y comunitaria como la misma realidad natural, ecológica e histórica, cada ser humano es responsable de contribuir con todo lo que esté a su alcance. Desde una visión cristiana, la realidad está siempre a camino hasta llegar a alcanzar el ideal de un nuevo cielo que se instaura a partir de una nueva tierra.

**Palabras-clave:** Ética. Antropología Cristiana. Filosofía. Alteridad.

## 1. INTRODUÇÃO

Tentaremos neste texto refletir sobre alguns elementos humanos que nos aproximem da gênese ética, entendendo por ética a reflexão teórica que analisa, critica, questiona, incomoda e, em alguns casos, aceita, os fundamentos e princípios que inspiram tanto um determinado sistema cultural como a consciência pessoal.

Por tratar-se de uma análise sobre comportamento humano somos conscientes do caráter limitado destas idéias. Nossa preocupação é a de tentar alguns elementos que possam servir como base para outras reflexões. Fazemos isto desde uma visão cristã, aproveitando a experiência humana que se oferece desde a revelação de um Deus próximo dos seres humanos, mais ainda, um Deus encarnado na figura de homem. Optamos por esta visão cristã considerando a grandeza existencial com que o ser humano é contemplado na Bíblia. Na revelação bíblica Deus aparece como o grande Criador que fica próximo de todas suas criaturas, tanto do ser humano como de todo o resto dos seres vivos. Em consequência, o homem, criatura de Deus e continuador de sua obra, precisa estar próximo tanto do seu Criador como do resto das criaturas. O ser humano é consciente de fazer parte de uma grande comunhão que é fruto da grande Criação. Nesta criação de comunhão tem que participar, interagindo nela, sentindo-se participe de sua continuidade e compreendendo seu aprimoramento como missão. Essa é a função que o Criador outorga ao ser humano.

Dentro desta intuição cristã constatamos que a relação entre missão e função não sempre é assumida pelo homem-criatura. Existem momentos em sua história nos quais se afasta ou renúncia a ela. Desde uma visão cristã o homem é um ser criado criativo dentro de uma criação (GOMEZ, 2011), portanto com características de criatividade que o levam à procura de novas experiências e novas realizações, nem sempre fieis e condizentes com o originário plano de Deus. Se por um lado é cocriador da obra iniciada, por outro lado, afastando-se de Deus e de seus objetivos de comunhão, pode ser destruidor desta mesma obra. Se sua natureza é inegavelmente criativa e ativa, suas ações podem ser igualmente destrutivas e egoístas, totalmente contrárias ao ideal de comunhão. É este o motivo que faz refletir sobre as ações humanas.

## 2. NATUREZA DE INCONFORMISMO

O ser humano não nasce pré-programado nem condenado a um destino prefixado. É verdade que geneticamente já tem alguns elementos pré-formativos que lhe condicionam. Mas as possibilidades de transformação e mudanças pessoais e coletivas são patentes. Não nascemos perfeitamente acabados ou formados. Contrariamente às ferramentas e artefatos que já nascem prontos para serem usados de forma apropriada e definida, os seres humanos nos reconhecemos como *seres inacabados*. Inacabados por sermos, como todas as realidades, uma evolução constante. Inacabados por desejar realidades novas e tentar superar realizações conseguidas anteriormente. Mesmo sendo seres da natureza não ficamos reduzidos nem conformados a uma determinação dela. Criamos o que Aristóteles chamou de uma *segunda natureza*, e que identificamos como *cultura*.

Na verdade o ser humano se caracteriza muito mais pelo que *pode ser* do que pelo que *já é*. Apresenta uma grande capacidade de busca de novas realidades, muitas vezes perigosas e arriscadas, pelo que precisa iluminar, ponderar, refletir, calcular e, em último grau, ousar, sempre tentando evitar tudo aquilo que prejudique sua existência individual e social. Em outras palavras, junto ao *ser* que deseja *poder ser* mais, o ser humano não pode deixar de preocupar-se pelo *dever ser*.

Experiência individual e social. Somos conscientes de nossa vida pessoal, subjetiva, particular, singular, essencial para nossa compreensão. Mas também somos conscientes de

sermos membros de uma coletividade da que recebemos conteúdos de comportamentos implícitos e explícitos. Diferentes de outros seres da criação-natureza somos seres de cooperação. Desde nossos antepassados cavernícolas sobrevivemos mais por causa da cooperação do que por causa da competição. Somos seres *gregários* por natureza. Necessitamos nos *congregar* e *agregar*. O sufixo *greg* tem sua origem nas línguas indo-européias e tem o significado de *rebanho*, conceito que indica a necessidade de vivermos juntos, caminhar unidos, ajuntando-se e ajudando-se, longe de *segregar*, *desagregar* e excluir (CORTELLA, 2013).

Mas viver junto é uma tarefa exigente que impõe sacrifícios e superação de egoísmos e egocentrismos. É importante reconhecer e admitir esta característica e necessidade de vida em comum. E esta constatação leva a refletir sobre a forma reta de agir para atingir o ideal de paz e equilíbrio procurado por todas as culturas, muito bem explicitado nas propostas religiosas (Comissão Teológica Internacional, 2008). De fato, tanto as morais como as culturas, e as próprias religiões, são tentativas históricas, racionais e milenares de uma materialização das ações e princípios humanos. Se os momentos históricos exigem clareza de propostas morais e culturais por serem circunstanciais, há elementos comuns a todos os seres humanos, nas suas diferentes culturas, espaços e tempos, que indicam a experiência de um fundamento e princípio universal comum a todos os seres humanos, aquilo que alguns já denominaram de uma *ética mínima*.

De fato, existem alguns pressupostos comuns a todas as morais, pois se constroem a partir da dialética SER, QUERER, PODER E DEVER: *somos* de maneira concreta e histórica, conscientes de que *podemos* transformar, reformar e conformar, na busca de uma vida que *queremos* como ideal de felicidade e, que experimenta o conflito de vontades subjetivas, pelo que *devemos* confrontar o individual com o coletivo.

Ou seja, o ser humano é consciente de uma existência real, *historia*, mas igualmente consciente de novas e diversas possibilidades, *utopia*. Na execução de novas possibilidades surge a complexidade de ação entre elementos pessoais e coletivos, o dilema de uma realidade subjetiva inserida na historia, experiência de complexidade, conflito, confronto, limitação e ideais, capacidade de *autocompreensão* que reflete sobre seu *ser* e seu *existir* no mundo.

O ser humano toma consciência de sua interioridade, subjetividade e exterioridade. Recorrendo ao exemplo do sentimento bíblico, o “*estar só*” da experiência de Adão, na verdade equivale à busca de sua própria identidade, ao encontro consigo mesmo. Mas ao mesmo tempo é

a constatação da necessidade de viver com outras realidades externas a ele, *conviver*. A realidade humana percebe a necessidade do “fora de si mesma” para continuar completando seu visível inacabamento, toma consciência de seu ser social e pessoal. Consciência que implica a necessidade de aceitar uma realidade exterior a cada sujeito e, ao mesmo tempo, o reconhecimento da experiência pessoal. Se as questões subjetivas devem estar contempladas em toda ação humana, é impossível excluir as questões sociais, cósmicas e históricas. A esta consciência podemos denominar de *Consciência Ética*, consciência de normas, valores, transformações, princípios e compromissos.

### 3. CONSCIÊNCIA DE UMA REALIDADE DE RELAÇÕES

O ser humano é um ser de relações coletivas. Sua vida toma sentido nas necessidades de relações. Desde a consciência da subjetividade e da interioridade se chega à consciência da necessidade dos outros e a consciência da necessidade da convivência com a realidade externa. Trata-se, por tanto, de uma ampla consciência de *anterioridade*, *subjetividade*, *alteridade*, *exterioridade* e *ecologicidade*. Em outras palavras, o ser humano tem consciência (*subjetividade*) de que a realidade onde vive é anterior a ele (*anterioridade*), tem consciência de que nasce numa realidade integrada por múltiplos elementos (*exterioridade*) que convivem em um espaço concreto e material (*ecologicidade*), e tem consciência da necessidade do contato com outros seres humanos (*alteridade*) de quem recebe aportes e com quem contribui na construção da convivência.

A revelação bíblica apresenta o ser humano criado de forma relacional, relação que se manifesta tanto na sua materialidade corporal como na capacidade de optar e decidir, sua experiência de autodeterminação. O ser humano ultrapassa o mundo do visível porque sente a necessidade do outro, do diferente, do que se enxerga com os olhos da emoção e dos sentimentos. Recordando *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint Exupery “*o essencial é invisível aos olhos*”. Sente-se a necessidade de outros seres humanos. Da solidão original passa-se a unidade original, à dimensão de união entre o masculino e feminino, e à dimensão coletiva e cósmica de sentir-se uma pequena parte de um imenso infinito que vive em torno de si, como poeticamente o expressou São Francisco de Assis em seu celebre e maravilhoso *Cântico das Criaturas*. E este

sentimento ainda oferece a dimensão de *transcendentalidade*, o sentimento que provoca a comunhão com o mistério de uma realidade próxima e superior.

A solidão original é, na realidade, uma abertura para a comunhão de pessoas. Sair de si mesmo supõe uma dimensão de autotrascendência, a constitutiva abertura para o outro ou para a comunhão social. Ser imagem e semelhança de Deus indica uma qualidade divina de comunhão. Dizer “Deus é amor” é igual a dizer que Deus é abertura amorosa para a realidade. O Deus da Bíblia, longe de ficar reduzido a si mesmo, se manifesta e se exprime como Uno e Trino, abertura total a diferentes dimensões, de pai, de filho, de espírito.

A necessidade de encontro terá que viver-se necessariamente na prática da convivência. A imagem humana de Deus se encarna, se faz corpo. O corpo expressa o significado profundo de comunhão e reciprocidade. Antes de qualquer outra coisa a experiência homem e mulher, experiência de realidade física, é experiência de corpo necessitado da vida de outros corpos, por isso, sexualizado, seccionado, dividido, à procura do encontro. O ser humano é consciência da necessidade de comunhão, é vivencia concreta e objetiva, realidade relacional que exige dignidade e respeito na sua corporeidade e sexualidade por serem imagem e semelhança da abertura amorosa de Deus.

As formas sociais ou culturais são elaborações de *anterioridade*, *exterioridade* e *criatividade*. Sabe-se da existência de uma realidade anterior (*anterioridade*) construída historicamente a cada novo ser nascido. Sabe-se de uma realidade externa (*exterioridade*) a cada sujeito que irá interiorizando pouco a pouco na sua história pessoal a necessidade de convivência. Trata-se da criação e reconstrução (*criatividade*) de uma realidade coletiva que leva implícita as necessidades constantes de recriação.

Algumas destas mudanças se dão de forma natural sem provocar praticamente conflitos. É o caso de mudanças tecnológicas. Porém, há outras mudanças, que podemos denominar de paradigmáticas, que alteram princípios, valores, modelos, meios, e sentidos de vida. Estas situações de mudanças que afetam aos valores e fins, não tanto aos meios, provocam novos fatos pessoais e sociais, fortes e críticos.

No Dicionário Aurélio aparece uma possível definição de cultura entendida como *uma objetividade conflitante dentro de uma possibilidade de transformação da realidade*, definição rica e realista que aponta para a necessidade de reconhecer o provisório, o relativo e as diferenças, mas ao mesmo tempo a necessidade de mudanças e transformações.

Diante desta necessidade de reconhecimento de múltiplas realidades, a experiência humana tem de ser consciente de sua dimensão de *limitação* e assumir atitudes coletivas e sociais que legitimem ou rejeitem a ordem estabelecida. Muito resumidamente podemos enquadrar estas atitudes em formas de *legitimação* (ou manutenção da ordem estabelecida), *rejeição* (ou negação da mesma ordem), e *integração* (ou transformação na busca de melhoras da ordem). Em todo caso, o ser humano se apresenta como um ser de ação e de transformação constante, o que exige a reflexão sobre o fundamento de sua ação e compromisso. Isto leva a pensar a necessidade de um *Princípio*, de algo essencial a toda ação humana, algo concreto e comum, identificador e orientador.

#### **4. A VIDA COMO PRINCIPIO FUNDAMENTAL**

Este princípio essencial deve inspirar-se na certeza mais evidente do ser humano. Podemos afirmar, como critério fundamental, que a maior certeza do ser humano é a *Vida*. E podemos defender como critério fundamental *a experiência da vida*. O ser humano procura, defende, valoriza e recria a vida. A vida não morre. Podem morrer os indivíduos, os animais, plantas, mas a vida continua. Os momentos de morte não acabam com a experiência da vida.

A *Vida* pode ser entendida simplesmente com um sentido científico, enxergando os elementos físico-biológicos como únicos e exclusivos. Pode ser entendido o ser humano como o conjunto de músculos, veias, artérias, ossos, hormônios, DNAs, ... que configuram sua realidade material, concreta e física. Até de forma irônica e pejorativa podemos considerar o ser humano desde seus aspectos mais desprezíveis ou nojentos, como fez o aquarelista francês Paul Vergany. Ele, que desenhava corpos humanos para ilustração de livros, chegou a definir o ser humano como *um montão de coisas sujas e pegajosas, de líquidos fedorentos suspensos a um varapau protegido por um saco de pele furada*. Sem chegar ao extremo deste aquarelista, desde uma parcialidade exclusivamente empírica, o ser humano poder ser considerado e definido como um ser puramente material que, como os outros seres vivos, nasce, cresce e morre.

Com certeza que nenhum ser humano se conformará com essas definições e visões sobre si mesmo e o ser humano no geral. Miguel de Unamuno, escritor e filósofo espanhol das primeiras décadas do século XX, com uma visão profundamente vivencial mesmo que um tanto

descrente das instituições religiosas, dirá que *o homem é um ser espiritual de carne e osso* (GOMEZ, 2005). Tinha certeza de que o ser humano vai além de uma materialidade externa, capaz de sentir os grandes impulsos do seu ser interior, e por isso espiritual, animado por uma vivência profundamente comunitária, não necessariamente religiosa. Visão filosófica, metafísica, especialmente espiritual, capaz de descobrir os grandes projetos e ideais humanos, ainda que as vezes seja através do próprio sofrimento. Longe da definição de Gauverny, outro francês, o poeta Paul Valery, ciente da própria materialidade humana, escrevia que *a pele humana separa o mundo em dois espaços. O lado das cores e o lado das dores* (VALÉRY, 1942)

Mas a Vida também pode ser enxergada convincentemente com um sentido religioso e teológico, afirmação que pode ser feita desde a revelação bíblica e de outros livros sagrados. A reflexão sobre a vida pode ir além da mesma filosofia, navegar no sentido primordial do ser humano aproximando-se de *terceiras margens* (ROSA, 2001), aquelas margens que vão além da delimitação dos laterais físicos à direita e a esquerda, e se deixam conduzir pelos leitos da memória, dos ideais, dos desejos, as margens do desconhecido, do imaginário, do criativo, do medo, aproximando-se do mistério que permite encontrar sentidos plenos de vida.

E dentro desse mistério, reconhecer a existência de um Outro maior do que os outros que são visíveis aos nossos olhos. Sentir a experiência da limitação humana dentro de uma dimensão superior que provoca uma compreensão e atitude de busca infinita. Sentir-se pequeno e grande ao mesmo tempo, infinitesimal e infinito, material e espiritual, certo e misterioso. Ser humano complexo e simples. Em expressão de Pascal, *infinitamente pequeno, infinitamente grande e infinitamente complexo*. O Todo e o Nada pairando juntos, convivendo e desafiando. Existindo e morrendo. Vida e Morte. Realidades que desde as origens humanas nunca foram reduzidas ao estritamente biológico, pois o ser humano não se reduz a explicações físicas. Desde a compreensão de seres em relação com o nada e o todo, a morte não é nem biológica nem estritamente pessoal, é sentido coletivo de vida.

Para nossos comportamentos importa mais a morte que provocamos do que a morte em si mesma. Lembremos o exemplo de Jesus, homem encarnado na realidade dos seres humanos, enfrentando o mal, procurando ser servidor, desafiando sua própria dor e morte em benefício dos outros. Em relação ao sentido da vida a herança deixada pelas religiões nos recorda o culto aos antepassados, o agradecimento de suas vidas e de suas mortes, a certeza de seu espírito vivo no meio da realidade que eles não viveram, mas que ajudaram a construir. Desde o cristianismo,

podemos expressá-lo como a superação dos limites físicos, superação que se dá na experiência da ressurreição, entendida como união entre a vida vivida e conhecida, e a vida que se constrói constantemente ainda que não seja possível conhecê-la. Relação misteriosa e ao mesmo tempo, vivencial. Criação constante na liberdade do encontro com a verdade. Nem a mentira, nem a falsidade são capazes de criar vida. Nem a ignorância, o medo, a preguiça. Nem a repressão social, nem a covardia nem o imobilismo. O sentido misterioso e profundo do ser humano, vivido na sua realidade material, corpo, a serviço da liberdade, da verdade, é o que, em definitivo, cria a VIDA e se coloca a serviço da Vida..

Nesta defesa da Vida, podemos apreciar historicamente a presença de três valorizações éticas: a *essencialista*, fundamentada em normas, obediência, virtudes definidas, princípios e organização institucional como base de proteção da sociedade (sua essência), exigindo a aceitação de todos os sujeitos ao coletivo; a *subjetivista*, que defende a autonomia do indivíduo em relação ao resto dos comportamentos sociais, em alguns casos chegando a admitir como princípio fundamental o imediatismo, o individualismo, a vontade pessoal, a subjetividade como fundamento de todo comportamento humano e social, defendendo um relativismo personalista; e, a *ética de responsabilidade* que se orienta pelo contexto, pelo valor do social e do pessoal, pelas conseqüências concretas que cada ação humana pode acarretar, os condicionamentos históricos, ao igual que suas possibilidades históricas.

## 5. FUNDAMENTOS OBJETIVOS DA REALIDADE HUMANA

Alguns dos elementos que se fazem presentes na realidade humana são evidentes, *postos e expostos, presentes*, manifestando e indicando o que é real e realizável, tornando-se motor da ação de cada sujeito histórico e cada grupo. O OBJETIVO, do latim *objectum*, faz relação aos elementos mais evidentes de cada realidade.

Podemos perceber, portanto, Fundamentos Objetivos, aqueles elementos integradores e formadores do ser humano, evidentes pela sua dimensão sensitiva, material e física, imprescindíveis para sua condição humana. Aproveitando a descrição de Leonardo Boff em um pequeno artigo intitulado *O que é o ser humano*, descreve de forma sintética, concreta e bem objetiva a realidade humana:

Quem somos nós? Cada cultura, cada saber e cada pessoa procuram dar-lhe uma resposta. A maioria das compreensões são reféns de certo tipo de visão. No entanto, as contribuições das ciências da Terra, englobadas pela teoria da evolução ampliada, nos trouxeram visões complexas e totalizadoras, inserindo-nos como um momento do processo global, físico, biológico e cultural. Mas elas não fizeram calar a pergunta, antes, a radicalizaram. Quem somos, afinal? O ser humano é uma manifestação do estado de energia de fundo, de onde tudo provém (vácuo quântico), um ser cósmico, parte de um universo entre outros paralelos, articulado em nove dimensões (teoria das cordas), formado pelos mesmos elementos físico-químicos e pelas mesmas energias que compõem todos os seres, habitante de uma galáxia, uma entre duzentas bilhões, dependendo do Sol, estrela de quinta categoria, uma entre outras trezentas bilhões, situada a 27 mil anos luz do centro da Via-Láctea, perto do braço interior da espiral de Órion, morando num planeta minúsculo, a Terra. Somos um elo da corrente única da vida, um animal do ramo dos vertebrados, sexuado, da classe dos mamíferos, da ordem dos primatas, da família dos homínídeos, do gênero homo, da espécie sapiens/demens, dotado de um corpo de 30 bilhões de células, continuamente renovado por um sistema genético que se formou ao largo de 3,8 bilhões de anos, portador de três níveis de cérebro com dez a cem bilhões de neurônios, o reptiliano, surgido há 200 milhões de anos, ao redor do qual se formou o cérebro límbico, há 125 milhões de anos, e por fim completado pelo cérebro neo-cortical surgido há cerca de 3 milhões de anos, com o qual organizamos conceptualmente o mundo, portador da psique com a mesma ancestralidade do corpo, que lhe permite ser sujeito, psique estruturada ao redor do desejo, de arquétipos ancestrais e de todo tipo de emoções e coroado pelo espírito que é aquele momento da consciência pelo qual se sente parte de um todo, que o faz sempre aberto ao outro e ao infinito, capaz de criar e captar significados e valores e se indagar sobre o sentido derradeiro do Todo, hoje em sua fase planetária, rumo à noosfera pela qual mentes e corações convergirão numa humanidade unificada (BOFF, 2002).

E a partir desta descrição podemos afirmar que o homem, em sua essência, é: corpóreo, sexuado, racional, emotivo, espiritual, estético, social, político, histórico, cósmico, livre, teórico e prático. São elementos que vão do mais estritamente material (corpóreo-sexuado) até o mais misterioso e aberto a transformações (histórico, cósmico, livre, teórico e prático) passando por suas dimensões de sociabilidade (social, político), de interioridade (racional, emotivo e espiritual) e de criatividade (estético). E temos que admitir que a negação de algum destes elementos leva ao ser humano a perder parte de sua essência e de sua dimensão de dignidade humana. Pensemos na dimensão do estético, a necessidade do belo, a beleza que contribui com a humanização, não somente considerando o ser humano como uma realidade necessitada de matéria, mas também de elementos simbólicos e admiráveis. Não somente fome de pão, como também fome de beleza, utilizando o título do livro de Frei Betto (BETTO, 1990).

Isto leva a Enrique Dussel pensar o ser humano desde os elementos mais concretos. Se anteriormente temos afirmado o critério fundamental da vida, Dussel defende esta vida sobre a base de seu princípio material, a "*realidade vivente humana*" (DUSSEL, 1979, p. 134). De fato, o

principal para ele é o ser "vivente", conceito que relaciona com o "sujeito". Sua preocupação principal é a "*corporeidade vivente*" de cada sujeito. Corporeidade que será desrespeitada no sofrimento, dor, fome, doença causada pelos atos de outros seres humanos, igualmente corporeidades viventes; a prioridade de vida será, portanto, preocupar-se por captar e respeitar a totalidade da "corporeidade vivente" e libertá-la de toda carência ou ausência. Quer dizer, nega-se o ser humano quando se lhe nega ao seu corpo a comida, a moradia, a saúde, a natureza,...

A verdadeira libertação será uma "ética da corporeidade e da vida" (DUSSEL, 1979, p. 74). O sujeito material da ética é o sujeito corporal vivo. Por isso, Dussel deixa claro que uma ética do cumprimento das necessidades (comida, saúde, educação, moradia,...) é a base da dignidade do sujeito ético-corporal. (DUSSEL, 1979, p. 27). A crítica de Dussel se dirige à aquelas ideologias que negam o "corpo" privilegiando uma ideia exclusiva e exclusivista de "alma" (DUSSEL, 1979, p. 103). Em nome de uma realidade espiritual se apresentam como a única possível, ou pelos menos prioritária, relegando tanto as necessidades físicas como a realidade corporal a uma dimensão sem importância.

## 6. FUNDAMENTOS SUBJETIVOS DA REALIDADE HUMANA

Outros elementos não têm características tão evidentes. Experimentam-se subliminarmente, *postó debaixo, aquilo que existe sob algo*, fazendo relação com o indivíduo real, que é portador de determinações e que é capaz de propor objetivos e praticar ações. No latim é *subjectum* e se entende como experiências que dependem imediatamente de cada ser concreto, de cada sujeito. O que está por baixo da realidade empírica humana, basicamente é a CONSCIÊNCIA, que segundo o dicionário Aurélio

é o atributo altamente desenvolvido na espécie humana e que se define por uma oposição básica: é o atributo pelo qual o homem toma em relação ao mundo (e, posteriormente, em relação aos chamados estados interiores, subjetivos) aquela distância em que se cria a possibilidade de níveis mais altos de integração.

Consciência é, portanto, conhecimento subjetivo que pretende oferecer critérios de comportamento objetivo. É onde de forma mais precisa se experimenta a realidade inacabada do

ser humano e se vive a necessidade de buscar o *dever ser* e o *poder ser*. A consciência tem que ser trabalhada para ser cada vez mais desenvolvida e ser mais sabia.

A primeira função da consciência é a BUSCA DA VERDADE, sentimento natural do ser humano que dificilmente se conformará vivendo na mentira, no engano, no desconhecimento. Para isso o ser humano precisa dar *atenção aos acontecimentos*, e não somente aos acontecimentos pessoais, especialmente aos acontecimentos históricos, sociais, comunitários, científicos, a tudo aquilo que faça relação, direta ou indireta, com tudo aquilo que seja humano.

A busca da verdade terá que considerar e *reconhecer os próprios limites* humanos, tantos os objetivos como os subjetivos. Limite é o conhecimento da realidade, definição de funções, aceitação duma verdade que sempre se apresenta de forma parcial e incompleta. O conhecimento do limite protege, identifica, em definitivo, dá conhecimento de vida.

A busca da verdade exige *compromisso pessoal com a sociedade*. A verdade, já seja científica, médica, religiosa, pessoal ou de qualquer outro tipo é para ser partilhada e aprimorada no contexto em que se vive. Sem dúvida, assume um caráter de amadurecimento e crescimento humano. Buscar a verdade é ajudar a sair de qualquer tipo de trevas (podemos recordar o Mito da Caverna de Platão), ainda que nem sempre os grupos humanos reconheçam em um primeiro momento as vantagens de cada descoberta ou de cada busca.

De fato, a busca da verdade revela e faz reconhecer o poder de mudança e transformação inato no gênero humano. A construção da humanidade representa a contribuição de todos os seres humanos. Os autênticos cientistas sabem muito bem que suas descobertas são as continuções de pesquisas iniciadas anteriormente. A construção da sociedade exige um compromisso igualmente concreto com a consecução da justiça, da igualdade de direitos e da promoção humana. A transformação social é transformação para o conhecimento e a consciência de todos os que a integram.

A busca da verdade valoriza a exterioridade do *outro* e a própria pessoa como *sujeito e agente*. Ou seja, a busca da verdade pressupõe a atitude de *diálogo* e *monólogo*. O diálogo (do grego *dia* e *logos*,) indica o encontro entre diferentes formas de ver, de pensar e até de sentir. O diálogo ajuda a descobrir a realidade alheia a cada sujeito concreto aumentando a possibilidade de novas descobertas.

Pela sua vez, o monólogo (também do grego, *monos* e *logos*) alude a uma atitude totalmente pessoal, que podemos entender como o encontro consigo mesmo, a atitude de escutar

o que cada sujeito é, independentemente de influências externas que possam afetar a própria compreensão de cada ser humano como sujeito. Esta atitude do monólogo exige uma atitude de desalienação para superar imposições externas provocadas por apelos imediatistas, e uma atitude de desapego que conduza o ser humano a dar maior importância ao ser do que a ter.

O último elemento, que hoje se faz plausível devido a sua grande importância é que a busca da verdade não pode realizar-se fora do *respeito à natureza*. O ser humano toma consciência de que é parte da natureza e com ela tem que identificar-se.

O esquema a continuação pode resumir as características do ser humano.



## CONCLUSÃO

O ser humano é uma realidade social. Como diria Kant, *o ser social mais antissocial* (SAVATER, 2005). Na verdade, mais do que antissocial, o ser humano procura novas formas de socialização motivadas por essa dimensão de abertura ao novo e crítica das formas de comportamento que precisam mudar. É a busca de uma novidade que não pode fugir da anterioridade, conflitando dialeticamente entre o estabelecido e o pretendido, entre o desejado e o possível, entre os ideais e a realidade, entre o coletivo e o pessoal,... Poderíamos continuar acrescentando opostos em tensão constante, mas sempre respondendo a um desejo próprio de todo ser humano que é o de sentir-se útil.

Através desses conflitos e tensões a realidade humana caminha. E dentro delas, a proposta cristã mantém a esperança da vitória do amor sobre o egoísmo, do triunfo do humanismo sobre a deterioração do ser humano, da libertação integral do ser humano sobre qualquer tipo de opressão. Santo Agostinho em seu livro *A Cidade de Deus* aponta para essa luta constante dos cristãos de fazer na cidade terrena amostras da Cidade de Deus. A própria Bíblia fecha suas páginas com seu último livro, o Apocalipse, consciente dos grandes problemas mundiais, mas na certeza de *um Novo Céu e uma Nova Terra*.

Esta proposta cristã de esperança não exclui a responsabilidade pessoal. Trata-se de uma utopia militante. Não é somente uma proposta, é um compromisso. O exemplo fica patente na figura de Jesus, aquele cuja prática convenceu a seus seguidores, converteu a muitos que desacreditavam no próprio ser humano, e entusiasmou a aqueles que tentavam ser construtores da paz, da justiça e da fraternidade. Não se trata de uma imposição, e sim de seguir uma atitude capaz de oferecer *um caminho e uma verdade* que abriga *uma vida* de dignidade.

## REFERÊNCIAS

- AZPITARTE, Eduardo López: **Fundamento da ética cristã**, São Paulo, Paulus, 1995.
- BOFF, Leonardo: **O que é o ser humano**, in [http://www:adital.org](http://www.adital.org), 2002.
- CAMARGO, Marculino. **Fundamentos de ética geral e profissional**, Petrópolis, RJ, Vozes, 2002.
- CHARDIN, Theilard. **O Fenômeno humano**, Ed. Cultrix, São Paulo, 2005.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **Em busca de uma ética universal. Novo olhar sobre a lei natural**. Paulinas, São Paulo, SP, 2008.
- CORTELLA, Mario Sérgio. **Não se desespere. Provocações filosóficas**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2013.
- DUSSEL, Enrique. **Ética de la liberación en la edad de la globalización y exclusión**. Madrid, Trotta, 1999.
- FREI BETTO. **Fome de pão e de beleza**. São Paulo: Siciliano, 1990.
- GÓMEZ, Salustiano Álvarez: **O homem: um ser espiritual de carne e osso**, Belo Horizonte, in revista Horizonte Teológico, ano 4 n° 8, jul-dez/2005.
- GÓMEZ, Salustiano Álvarez. Alteridade e construção da sociedade, Goiania, in **Revista Universidade Federal de Goiás**, julho/2011, Ano XIII, n 10.
- MARCHIONNI, Antonio. **Ética: a arte do bom**, Petrópolis, RJ, Vozes, 2010.
- RETAMAR, Roberto fernández. **Hambre de amor y de belleza**.
- ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: **Primeiras histórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SÃO FRANCISCO, **Cântico das criaturas**, in. SAVATER, F. **Ética para meu filho**, São Paulo, Planeta do Brasil, 2005.
- VALÉRY, Paul. **Pensamentos maus e outros**, Paris, Ed. Gallimard, 1942.